

DEFICIÊNCIA AUDITIVA/SURDEZ

CAE/SAAD/UFSC

A audição é muito utilizada em nosso dia a dia. Durante as nossas conversas corriqueiras, aulas, palestras, ao apreciarmos uma bela música ou um bom filme. Ruídos dos mais diversos: agradáveis, como o barulho do mar, e desagradáveis, como as buzinas do trânsito, são captados por nossos ouvidos. Aprendemos e interagimos com o mundo por meio da audição.



Descrição da imagem: Do lado esquerdo há uma fotografia colorida horizontal. Duas mulheres estão de perfil, da cintura para cima, e se comunicam em Libras (movimentam as mãos e fazem expressões faciais). Do lado direito há outra fotografia de um homem de perfil. Ele tem os cabelos raspados e é possível ver com nitidez seu implante coclear. Há um aparelho claro que inicia na parte superior da orelha e a circunda até acima do lóbulo (região onde se coloca brincos) e na parte posterior da cabeça, a cerca de 3 cm da orelha, há uma estrutura arredondada e escura- que é a antena do implante, ligada ao aparelho mencionado há pouco.

A deficiência auditiva/surdez traz mudanças especialmente na forma de se comunicar, mas a deficiência é sentida na medida em que os ambientes não estão preparados para acolher diferentes formas de comunicação e acesso ao conteúdo.

Como a vivência na Universidade é permeada por interações e recursos comunicativos, é preciso conhecer essas outras formas de comunicação para que o estudante com surdez seja de fato acolhido.

Embora pareça, à primeira vista, que a visão é o sentido primordial na aprendizagem, aulas são normalmente expositivas e há um grande volume de leitura a ser feita. Portanto, a universidade é logocêntrica (centrada na palavra). Por esse motivo se faz essencial conhecer esse universo que não é necessariamente do silêncio, mas de outras formas de comunicação.

- A Deficiência Auditiva é a perda parcial ou total da capacidade de ouvir.
- Em relação à audição, é preciso estabelecer a seguinte diferenciação: de modo geral, a pessoa que tem perda parcial é chamada de pessoa com deficiência auditiva e a pessoa que tem perda total é chamada de surda. Por isso é que

esses dois termos são usados.

- Para a comunidade surda, a pessoa com deficiência auditiva não participa de Associações de Surdos e não sabe Libras, portanto, para essa comunidade, o surdo é aquele que tem a LIBRAS como sua língua.

“Cultura surda” pode ser definida como o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo em função de suas percepções visuais. Ela abrange ideias, crenças hábitos e costumes. A comunidade surda partilha desse jeito de ser. A língua de sinais define-se como uma língua natural dos surdos. Ela é o símbolo da identidade e um meio de interação social.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/26838/a-comunidade-surda#ixzz4EJd9bpFx>- acesso em 13/07/2016

- Outro ponto interessante a se considerar é o termo surdo-mudo. Com certeza você já ouviu essa expressão antes e talvez até já a tenha utilizado. Porém, a pessoa não é muda. A pessoa não fala porque não escuta os sons para depois articulá-los, ou porque não é o seu meio de comunicação. Mas, independente de usar Libras ou outro meio para se comunicar, as pessoas surdas têm condições de produzir sons, riem, têm as cordas vocais intactas e podem falar.

COMPREENSÃO DOS TIPOS DE PERDA

A experiência da deficiência não se restringe à lesão. Obviamente há diferenças pessoais no impacto que a perda pode ter. Há também uma vivência bastante diferenciada da perda auditiva a depender do ambiente no qual a pessoa circula. No entanto, no sentido de compreendermos que a deficiência auditiva tem diferentes configurações e funcionamentos, por questões didáticas, seguem os tipos de perda:

- PERDA LEVE (26-40 db)
- Dificuldade com fala de intensidade fraca (volume baixo) ou distante. A dificuldade aparece em algumas situações onde há mais ruído.
- **COMO LIDAR ???**
- Priorizar o assento próximo ao professor
- Articular bem os sons da fala
- Falar devagar, sem exagerar no volume de voz.

- PERDA MODERADA (41-70 db)
- Perde a maior parte dos sons da fala em um nível de conversação normal e em

grupo, mesmo em locais silenciosos. A fala é percebida se a voz é um pouco elevada.

- **COMO LIDAR ???**

- Entrar em seu campo visual
- Articular bem os sons da fala
- Falar devagar
- Evitar explicar o conteúdo enquanto estiver de costas

- **PERDA SEVERA (71-90 db)**

- ◊ Não ouve sons da fala em um nível de conversação normal. Entende somente a fala em intensidade (volume) forte e/ou amplificada por aparelho auditivo.

- ◊ **COMO LIDAR???**

- ◊ Entrar em seu campo visual
- ◊ Articular bem os sons da fala, falar devagar
- ◊ Evitar explicar o conteúdo enquanto estiver de costas
- ◊ Deixar a boca visível de forma a possibilitar a leitura labial
- ◊ Usar expressões faciais, gestos e movimentar o corpo

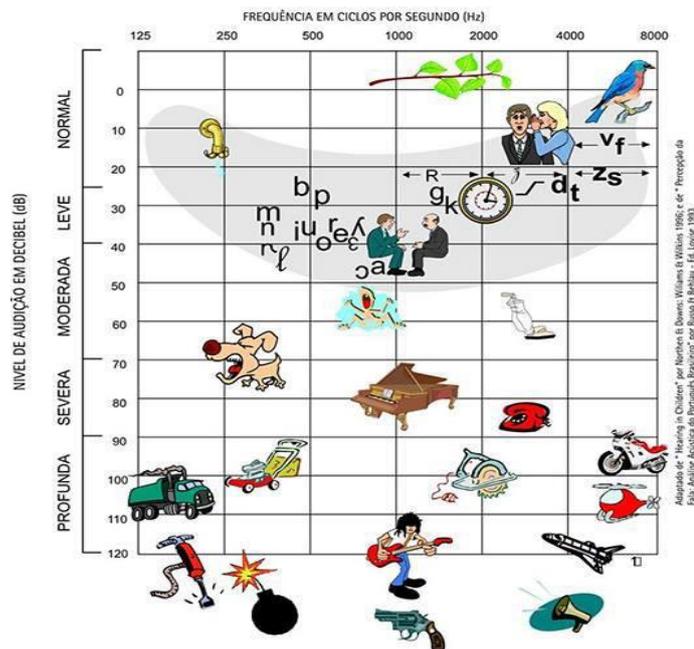
- **PERDA PROFUNDA (acima de 91 db)**

- ◊ Não ouve a fala. Somente os ruídos muito fortes são percebidos. Não é possível conversar sem apoio visual.

- ◊ **COMO LIDAR???**

- ◊ Entrar em seu campo visual
- ◊ Articular bem os sons da fala, falar devagar
- ◊ Evitar explicar o conteúdo enquanto estiver de costas
- ◊ Deixar a boca visível de forma a possibilitar a leitura labial
- ◊ Usar expressões faciais, gestos e movimentar o corpo.

Audiograma de Sons Familiares



A imagem acima diz respeito ao audiograma, gráfico que representa os limiares auditivos. Limiar é o som mínimo que o sujeito consegue perceber em um ambiente acusticamente tratado. Os limiares são obtidos em condição de exame, chamado audiometria. O audiograma é trazido aqui para que sejam compreendidos os diferentes tipos de sons, com diferentes intensidades e faixas de frequências.

Os números que estão na parte de cima, na horizontal, são as frequências, ou seja, o tipo de som. Os da direita da tabela são os graves, os grossos- 125/250 Hz. Os que estão no meio são os médios (nem muito grossos, nem muito finos- 500/1000 e 2000 Hz) e os que estão na esquerda são os mais agudos/finos- 4000 e 8000 Hz). Durante o exame, todos os sons são apresentados: os finos, médios e os grossos. Os sons são apresentados em diferentes intensidades. O resultado que vai para o exame é a intensidade mais fraca do som que o ouvido da pessoa que está sendo testada conseguiu perceber.

Os desenhos sobre o audiograma mostram em que intensidade e frequência cada tipo de som está. Uma bomba, por exemplo, é um som grave (grosso) e bem forte e intenso. Já o canto de um pássaro é um som fraco e bem agudo (fino).

Na mesma tabela, vemos na vertical os níveis de audição: normal, perda leve, moderada, severa e profunda. Há sons que só são percebidos lá no alto do quadro, ou seja, para quem não tem perda de audição.

E há outros sons que mesmo uma pessoa com perda profunda pode perceber, como um avião. Mas é preciso ressaltar que perceber a fala, especialmente o cochicho, necessita de uma boa audição.

Em resumo, é importante deixar claro que há diferentes níveis de audição e o fato de uma pessoa ter deficiência não significa que ela não escuta nada. Por meio da observação do gráfico acima se percebe que: há sons que são fracos e, portanto, precisam de uma maior capacidade auditiva e há sons mais fortes e que podem ser percebidos mesmo por aquelas pessoas que têm perdas auditivas mais significativas, como a perda severa, por exemplo.

SURDEZ

A ausência/diminuição da audição está relacionada a outra forma de comunicação. As pessoas que escutam utilizam um meio auditivo/oral para se comunicar, ou seja, ouvem e falam. Já as pessoas surdas utilizam um meio visuo/espacial para a comunicação, olham e gestualizam. A partir de agora conheceremos um pouco mais sobre a surdez e, especialmente, sobre a comunidade surda.

- A comunidade surda não utiliza o termo deficiência auditiva, já que compreende que não existe um déficit, é apenas outra forma de comunicação, ou seja, em vez de usar a fala, eles utilizam sinais.
- No Brasil, a língua utilizada pelo surdo é a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Essa não é uma língua mundial. Como qualquer outra língua, ela está vinculada à cultura do país e cada região tem a sua. Ou seja, há a língua americana de sinais, a alemã e assim por diante (os sinais-gestos- são diferentes).

Línguas de sinais - São línguas utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas.

- Os sinais utilizados não são gestos espontâneos ou sem estrutura. Não é mímica. As línguas de sinais têm estrutura, conectivos e por meio delas é possível estabelecer comunicação sobre qualquer assunto: termos concretos e também abstratos.
- Caso não tenha domínio de Libras, você pode estabelecer a comunicação por

meio da escrita. Ou, caso esteja disponível, a comunicação poderá ser mediada por um intérprete.

- Na presença do intérprete, direcione suas perguntas e comentários à pessoa surda (e mantenha-se olhando para ela). É com ela que você está conversando. O intérprete apenas media a comunicação.

Intérprete de língua de sinais - Pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais.

- Portanto, se você tem um aluno, de nome João, que é usuário de Libras e é acompanhado por um intérprete, você deve dizer de forma direta, por exemplo: - João, você trouxe a resenha que te pedi?
- De igual maneira, o intérprete dirá em português: Esqueci, mas trago na segunda (que é a resposta da pessoa surda).

ACESSIBILIDADE À PESSOA USUÁRIA DE LIBRAS

- Direcione-se à pessoa surda quando for comunicar-se com ela, mesmo com intermédio do intérprete. Caso você não conheça a Língua de Sinais, estabeleça uma comunicação escrita de forma clara e direta.

- A escrita da pessoa surda pode ter algumas características peculiares em relação ao uso de conectivos e conjugações verbais. Nesse caso, não se trata de dislexia (alteração na leitura e escrita), são aspectos que podem estar vinculados ao próprio déficit na audição e ao processo de escolarização da pessoa. Além disso, **o português, para o usuário de Libras, é a segunda língua- já que Libras é a primeira.** Nesse caso, considere o sentido da mensagem e não a estrutura.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A capacidade de ouvir pode ser aumentada com o uso de alguns recursos tecnológicos e terapêuticos. Portanto, nem todas as pessoas com deficiência na audição utilizarão Libras, algumas poderão usar a fala como forma de comunicação.

Como assim, falar? Mas não acabei de aprender que as pessoas surdas se comunicam por meio da língua de sinais? Sim, é isso mesmo. Os surdos que descrevemos há pouco são usuário de Libras. Mas nem todas as pessoas surdas usam sinais para se comunicar.

Algumas pessoas surdas são oralizadas. Ou seja, usam algum recurso de amplificação sonora (como aparelhos auditivos ou implante coclear). O aparelho auditivo é um mini-sistema de amplificação, adaptado às necessidades auditivas de cada pessoa, composto de bateria, molde do ouvido, microfone, amplificador e receptor. O implante coclear é um dispositivo eletrônico, que necessita de cirurgia, parcialmente implantado dentro do ouvido, com uma parte interna e outra externa. A parte interna fica na cóclea e tem a função de estimular as células responsáveis pela audição e o nervo auditivo.

As pessoas oralizadas usam o resíduo da audição e fazem leitura labial para entender uma conversa. E elas usam a fala para expressar suas ideias. Essas pessoas com deficiência auditiva realizaram algum processo de reabilitação, ou seja, foram submetidas à terapia fonoaudiológica para desenvolver a percepção e a produção dos sons. Nesse caso, elas não usam intérpretes. Elas utilizam o português da mesma forma que os ouvintes (esse é o nome dado às pessoas que não têm perda auditiva).

Mas lembre-se, mesmo com aparelho e implante, a pessoa continua com dificuldades para ouvir.

ACESSIBILIDADE À PESSOA SURDA-ORALIZADA

- Ao conversar com uma pessoa surda-oralizada, procure manter-se próximo e em frente a ele para facilitar a leitura orofacial;
- Fale de frente, bem articulado e sem acelerar a velocidade. Não é necessário elevar demais a intensidade da voz. Use o tom de voz adequado ao ambiente. A fala bem articulada e sem atropelos é o principal ingrediente para que o surdo-oralizado compreenda o assunto.
- Se você tiver dificuldade de compreender o que ele está falando, peça para que ele repita;
- **Importante!!! Nem sempre solicitar um intérprete é a melhor forma de se comunicar com uma pessoa surda. Algumas pessoas surdas não sabem Libras. Antes de qualquer coisa é preciso saber qual é o meio de comunicação da pessoa surda.**

Talvez você esteja pensando: mas qual seria a melhor forma de comunicação para o surdo? Será que não seria mais adequado se todos usassem Libras, porque assim se respeitaria a língua natural do surdo, que é a gestual? Ou será que não seria melhor que todos fossem oralizados, porque assim a pessoa surda poderia conversar com qualquer pessoa, mesmo na ausência do intérprete?

Houve um tempo em que se pensava que era melhor oralizar todos os surdos, porque isso evitaria o isolamento social. Acreditava-se que poucos sabem Libras e que o surdo que utilizasse essa forma de comunicação ficaria isolado e só se relacionaria com outros surdos. Esse foi um momento muito agressivo da história da deficiência, uma vez que a oralização era imposta e os surdos eram proibidos de usar a língua de sinais, que é a forma natural de comunicação deles.

Inclusive o Congresso de Milão, ocorrido em 1880 foi um marco na legitimação da oralização, ou seja, do uso da fala e da audição nos processos de comunicação e, nesse momento histórico, a língua de sinais foi oficialmente banida. No entanto, obviamente, houve resistência das pessoas surdas que não aceitaram a imposição dos pressupostos oralistas e hoje se percebe um movimento cada vez mais presente de valorização e reconhecimento da língua de sinais. Porém, isso não significa que o uso da fala é ruim, artificial e que não deve ser utilizado pelas pessoas surdas.

Na verdade, não existe um sistema melhor ou pior de comunicação. Usar a fala ou Libras para se comunicar (ou mesmo os dois recursos, já que há pessoas bilíngues) é uma decisão da pessoa surda e de sua família. Isso não deverá ser uma imposição.

É preciso respeitar a forma como a pessoa se comunica e a sociedade precisa acolher as diferentes formas de comunicação. Os espaços precisam estar preparados para que todas as pessoas possam interagir: receber e fornecer informações, bem como trocar experiências. E no ambiente universitário essas tarefas são requeridas a todo tempo.

ORIENTAÇÕES:

- Os professores devem falar de frente para a turma (evitar falar enquanto estiver de costas, escrevendo no quadro, por exemplo) - De forma pausada (não precisa ser de maneira exagerada, mas é preciso controlar a velocidade- para facilitar a compreensão) - E bem articulado (os sons bem produzidos, com as palavras emitidas por completo)

- Utilizar a disposição das cadeiras em semi-círculo, para facilitar a visualização dos colegas. Por conta da perda de audição o estudante pode necessitar de apoio da leitura orofacial (labial) para compreender o enunciado.

- Preferencialmente, o estudante deve sentar nas cadeiras da frente, uma vez que há perda da intensidade do som na medida em que ocorre o distanciamento da fonte sonora. Portanto, é indicado que a pessoa com deficiência auditiva fique mais próxima de quem fala.

- Enviar os slides das aulas com antecedência. Ter contato prévio com os materiais vai facilitar a compreensão no momento da aula.

- Caso o estudante não compreenda, repita, com paciência. Não é necessário gritar. A fala bem articulada muitas vezes é mais eficaz que a própria intensidade aumentada.
- De igual modo, se ele apresentar alterações/distorções na fala, sinalize quando não entender. Pode parecer um pouco constrangedor, mas é melhor que ele repita a você inferir o que foi dito.
- Se o estudante apresentar dificuldades em se dividir na tarefa de anotar e prestar atenção na explicação do professor, especialmente se o aluno necessitar da leitura labial como apoio, pode ser disponibilizado um apoio de transcritor. Esse fará as anotações e o estudante com deficiência auditiva ficará liberado para focar na fala do docente. Ressalta-se que isso não é um privilégio, uma vez que uma pessoa sem deficiência auditiva consegue fazer as duas tarefas simultaneamente- ouvir a explicação e anotar- já que não precisa do apoio da visão.

O PAPEL DO ESTAGIÁRIO (TRANSCRITOR) NO AUXÍLIO AO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU SURDEZ (ORALIZADO).

- A atuação do *estagiário de acessibilidade* tem o intuito de permitir a acessibilidade educacional ao estudante com deficiência.
- No caso da surdez, tendo em vista a perda de audição, muitas informações são perdidas. Além disso, o estudante surdo precisa olhar para o rosto de quem fala (para fazer leitura dos seus lábios) e fica difícil se dividir entre a tarefa de anotar e prestar atenção na mensagem e no professor.
- Pelos motivos acima é que o *estagiário de acessibilidade-transcritor* tem a tarefa de anotar os conteúdos para o estudante com deficiência.
- Ressaltamos que a responsabilidade pela disciplina continua sendo do estudante.
- Reforçamos que o *estagiário de acessibilidade* não substitui o aluno em hipótese alguma, ou seja, ele não vai sozinho à aula, no caso de impossibilidade de comparecimento do estudante, para fazer anotações.
- O *estagiário de acessibilidade* é alguém que garante que o acesso ao conhecimento será feito de forma igualitária. Ele será o “ouvido” que irá captar as informações não percebidas pelo estudante, em virtude da deficiência auditiva do último.
- O uso de aparelho auditivo e do sistema FM, auxilia, porém não consegue eliminar todas as barreiras comunicacionais vivenciadas pela pessoa surda, daí a necessidade do apoio do *estagiário de acessibilidade*.
- O sistema FM é um recurso de acessibilidade. Ele não é gravador, apenas amplifica a fala do professor para o aluno surdo que tem um receptor em seu aparelho ou implante coclear, que capta aquilo que é passado pelo transmissor que está com o professor.
- O sistema FM diminui a relação sinal/ruído e faz com que a fala do professor chegue de forma mais clara ao ouvido do estudante, porém, em virtude da deficiência auditiva, não garante audição perfeita.

- Muito importante é ressaltar que o professor deve sempre se reportar ao estudante. É para ele que são dados recados e instruções, assim sendo, o *estagiário de acessibilidade* jamais deverá ser usado como porta-voz.

- Para garantir uma comunicação eficaz com o estudante surdo, fale de frente, articulando bem as palavras e com intensidade média (sem sussurrar ou gritar). Pergunte se ele entendeu e não tenha receio em repetir, ou mesmo peça que o estudante surdo diga o que foi entendido para garantir que a compreensão foi alcançada.

- O estudante surdo oralizado pode apresentar algumas características na fala que dificultam a compreensão. Caso não entenda algo, solicite diretamente ao estudante surdo que repita.

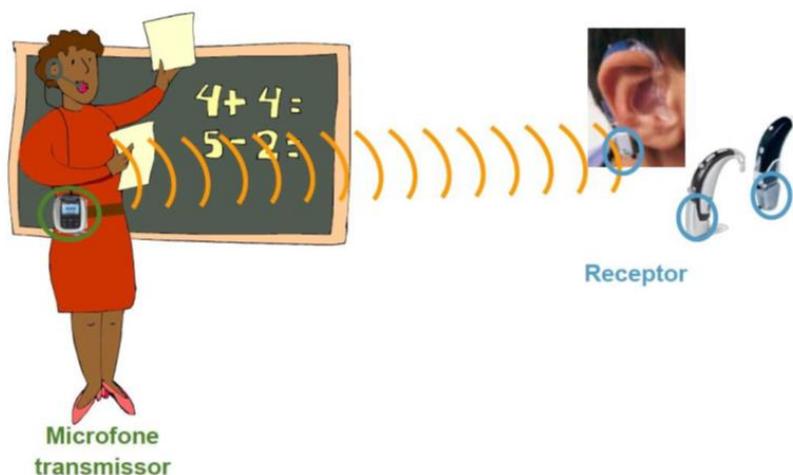
- Provavelmente, a pessoa surda não terá condições, simultaneamente à fala do professor, de indicar o que deverá ser transcrito. Desse modo, aquilo que não estiver escrito deverá ser transcrito literalmente, tanto quanto possível (suprimindo obviamente interjeições e repetições típicas da oralidade).

- Importante destacar que ao transcrever, não devem ser feitas interpretações da fala do professor, essa tarefa é do estudante.

- O uso do sistema FM pode dificultar a compreensão da fala de outras pessoas, por parte do surdo, já que o transmissor está com o professor. Portanto, fale apenas o necessário durante a atuação. Após a aula é um momento mais propício à troca de informações e compartilhamento de algum recado.

- O estudante surdo pode aparentar impaciência, especialmente quando não compreende e não se faz compreender. Tenha paciência, repita, fale pausadamente, peça para que ele também repita, até que a comunicação se efetive, sem mostrar ansiedade.

SISTEMA FM



Descrição da imagem: Do lado esquerdo há o desenho de uma professora, com o transmissor do sistema Fm acoplado em sua cintura. Ela está diante de uma lousa, explicando a matéria, há desenhos de ondas sonoras, como o símbolo de fechamento de um parágrafo que chegam até uma imagem do lado esquerdo, que é a fotografia de uma orelha, em detalhe, e aparece o receptor acoplado ao aparelho auditivo.

O QUE É O SISTEMA FM?



Descrição da imagem: Figura esquemática do funcionamento do sistema FM: Na parte superior esquerda há a fotografia de uma boca, abaixo dela um transmissor prateado, retangular, de tamanho semelhante a um celular, algumas ondas amarelas, em formato de parênteses, estão saindo do transmissor e vão até outra fotografia, de uma orelha com aparelho auditivo e transmissor- pequeno dispositivo quadrado e acoplado ao final do aparelho. Ao lado da imagem do close da orelha há um aparelho de amplificação sonora individual com o receptor em detalhe.

- o A cada 1m de distância, temos a redução de 3dB do sinal de fala! O professor não tem condições de dar atenção somente a um aluno, fora a reverberação e o ruído que já estão presentes. O aluno usuário de prótese auditiva fica impossibilitado de receber o sinal de fala de maneira adequada...
- o Dispositivo auxiliar à pessoa com deficiência auditiva que faz a transmissão do som por ondas de rádio de frequência modulada.
- o É preciso que a pessoa seja usuária de aparelho auditivo ou implante coclear. O transmissor fica com o professor e o receptor é acoplado ao aparelho ou implante do estudante.
- o O microfone/transmissor, os codifica em sinais elétricos e depois os converte em sinais de frequência modulada decodificado pelo receptor em energia acústica.

BENEFÍCIOS

- o Melhora do sinal/ruído;

- o Faz com que o sinal (fala do professor) alcance a orelha em uma intensidade efetiva para a compreensão
- o Não se limita ao ambiente de sala de aula;

RECURSOS EXTRAS

- o Acessibilidade a equipamentos eletrônicos: TV, rádio, tocadores de MP3, GPS;
- o Transmissor conectado na saída de áudio por cabo ou *bluetooth*;
- o Controle remoto.

MITOS

- o Não é um gravador, portanto não há risco de o aluno gravar algo sem o seu consentimento.
- o Não causa interferências em outros equipamentos eletrônicos

CUIDADOS

- o Observar sempre antes e durante a aula se o equipamento está funcionando.
- o Ao sair da sala de aula, ou conversar com outras pessoas assuntos que não sejam relacionados ao ensino (conversar ao telefone, por ex.), lembrar de DESLIGAR o seu microfone.
- o Manter os mesmos cuidados destinados às próteses auditivas.

Referências:

ARANHA, M.S.F. **Integração social do deficiente**: análise conceitual e metodológica. Temas Psicol. 1995;2:63-70.

BAALBAKI, A., CALDAS, B. Impacto do Congresso de Milão sobre a língua dos sinais Congresso Nacional De Linguística E Filologia p. 1885 Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

BAMPI, I. ; GUILHEM, D.; ALVES, E.D., Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência, **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. Artigo de Revisão 18(4):[09 telas] jul-ago 2010.

BARNES, C. et al. (org), **Disability**. Cambridge: Polity Press, 2003.

BARNES, C. et al. (org), **Exploring Disability: A Sociological Introduction**. Cambridge: Polity Press, 2005.

BERSCH, R. Introdução à tecnologia assistiva, Porto Alegre, 2013, disponível em: http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 15/03/2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. B823 t Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva. – Brasília : CORDE, 2009.

BRASIL. SDHPR - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPD. 2009. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/tecnologia-assistiva> Acesso em 06/04/2017.

BRASIL. Lei n. 13146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial Seção 1 - 7/7/2015, Página 2 (Publicação Original) [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 10/03/2017.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**, trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. – 6a. Ed.- Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

CAPONI, S. Biopolítica e Medicalização dos Anormais. **Physis** vol.19 no.2 Rio de Janeiro 2009.

DINIZ, D. O que é deficiência. SP: Brasiliense, 2007.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 158 p.

KAUCHAKJE, S. “Comunidade Surda”: as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In: SILVA, I. R. et al (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. 3. ed. São Paulo: Plexos, 2003. p. 57-76.

LIMA, F.; COSTA, B. **Modelos e evolução das perspectivas sobre deficiência**. Trabalho realizado no âmbito do curso Inclusão e Acesso às Tecnologias- Mooc 2014, disponível em <http://www.scribd.com/doc/219218159/Modelos-e-evolucao-das-perspetivas-sobre-deficiencia#scribd>, acesso em 17/12/2015.

MARTINI, A (Ed.), European Group on genetics of hearing impairment. European Commission Directorate, **Biomedical and Health Research Programme** (HEAR) Infoletter 2, November 1996, 8.

PEREIRA, A.M.B.A - Viagem ao interior da sombra : deficiência, doença crónica e invisibilidade numa sociedade capacitista. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2008

PEREIRA, Ray. Diversidade funcional: a diferença e o histórico modelo de homem-padrão. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.715-728.

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental**: da superstição à ciência. São Paulo: Edusp, 1994.

SALIMENE A.C.M. Reabilitação e ideologia- um breve histórico. **Rev. Serviço Soc Hospital** São Paulo. 1996; 3(1):34-7.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005.

SHAKESPEARE, T. The Social Model of Disabilityll in Leonard J. Davis (org), The Disability Studies Reader. New York: Routledge, 2006.

SHAKESPEARE, T. Disability, normality, and difference. In J. Cockburn & M. E. Pawson, Psychological Challenges in Obstetrics and Gynecology (pp. 51-59). London: Springer, 2007